

---

# CAPÍTULO 6

*Thaissa Frota Teixeira de Araujo Silva<sup>1</sup>*

## APRESENTAÇÃO

A elaboração e a aplicação de atividades didáticas fazem parte da rotina de trabalho de qualquer professor. O material apresentado a seguir é uma proposta de exercícios desenvolvidos a partir da leitura de uma crônica de Rubem Braga. O seu principal objetivo é possibilitar ao aluno o desenvolvimento do conhecimento a respeito das orações adjetivas sem desconectá-las de um gênero textual bastante utilizado dentro do ambiente escolar, a crônica.

Já é consenso que o estudo da língua deve se dar por meio do uso de textos tanto para linguistas teóricos quanto aplicados. Essa prática também já está inserida na escola, sendo recomendada na orientação central dos PCN. No entanto, ainda há questionamentos sobre como trabalhar na prática com esse postulado (MARCUSCHI, 2008, p. 51). Explorar o ensino de gramática a partir de uma proposta reflexiva a respeito das atividades linguísticas continua sendo um desafio para o professor de Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Possui Graduação em Letras – Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e atualmente é aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Com base no material aqui desenvolvido e partindo do conceito de letramento, “que pode ser traduzido pelo acesso, o gerenciamento, a interação, a interatividade e a avaliação das competências do sujeito” (SEE-AC, 2007, p. 13), procurou-se aplicar o ensino da língua por meio da reflexão sobre a gramática de maneira integrada à interpretação textual. Além disso, o questionamento realizado por Marcuschi (2001) em relação à forma como a compreensão textual é trabalhada pelos livros didáticos – frequentemente reduzida à decodificação do texto – serviu como base para elaboração dessa proposta didática.

A questão 1 tem o objetivo principal de apresentar o gênero textual que compõe o texto analisado. Além disso, possibilita que o aluno já comece a exercitar a reflexão crítica ao correlacionar o uso de uma figura de linguagem ao sentido global da crônica. Na segunda questão, aprofunda-se na contextualização, um ponto central do texto, e se espera que o aluno seja capaz de identificar um trecho que transmita essa ideia. As questões 3 e 4 englobam a relação entre a reflexão linguística e a construção de sentidos na crônica, evidenciando que gramática e texto são indissociáveis.

A partir da questão 5, inicia-se o trabalho mais direcionado às orações adjetivas. A escolha pela nomenclatura tradicional se deu devido ao uso majoritário da GT dentro do ambiente escolar. Nas questões 5 e 6, pretende-se construir o conhecimento do aluno acerca desse tópico gramatical, partindo do uso dessas orações no texto, visto que, toda a comunicação linguística acontece por meio de textos.

Nas questões 7 e 8, retoma-se a relação entre a reflexão linguística e a construção de sentidos, levando o aluno a pensar de maneira crítica sobre o efeito do uso de determinadas construções gramaticais. Por fim, a questão 9 resgata o trabalho de compreensão textual, abrindo espaço para que o aluno reflita criticamente sobre o efeito das relações *menino e mar* e *homem e mar*. Trata-se de uma resposta mais subjetiva que pode permitir o estímulo à criatividade e à reflexão crítica por parte do aluno.

A crônica de Rubem Braga é um texto extremamente rico dos pontos de vista literário e gramatical. O professor, ao aplicar essa atividade, deve se sentir livre para ler e discutir sobre todos os pontos que sentir necessário, aguçando a curiosidade e o prazer da leitura por parte dos alunos. A proposta aqui elaborada pretende incentivar o trabalho integrado entre reflexão linguística e compreensão textual visando ao fomento do pensamento crítico.

## PROPOSTA DE ATIVIDADES

Com base na seguinte crônica de Rubem Braga, responda às questões de 1 a 9.

### Mar

A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos.

Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...

Depois o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda, com seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza. Um menino de calças curtas, pernas queimadas pelo sol, cabelos cheios de sal, chapéu de palha. Um menino que pescava e que passava horas e horas dentro da canoa, longe da terra, atrás de uma bobagem qualquer – como aquela caravela de franjas azuis que boiava e afundava e que, afinal, queimou a sua mão... Um rapaz de quatorze ou quinze anos que nas noites de lua cheia, quando a maré baixa e descobre tudo e a praia é imensa, ia na praia sentar numa canoa, entrar numa roda, amar perdidamente, eternamente, alguém que passava pelo areal branco e dava boa-noite... Que andava longas horas pela praia infinita para catar conchas e búzios crespos e conversava com os pescadores que consertavam as redes. Um menino que levava na canoa um pedaço

de pão e um livro, e voltava sem estudar nada, com vontade de dizer uma porção de coisas que não sabia dizer – que ainda não sabe dizer.

Mar maior que a terra, mar do primeiro amor, mar dos pobres pescadores maratimbas, mar das cantigas do catambá, mar das festas, mar terrível daquela morte que nos assustou, mar das tempestades de repente, mar do alto e mar da praia, mar de pedra e mar do mangue... A primeira vez que saí sozinho numa canoa parecia ter montado num cavalo bravo e bom, senti força e perigo, senti orgulho de embicar numa onda um segundo antes da arrebentação. A primeira vez que estive quase morrendo afogado, quando a água batia na minha cara e a corrente do “arrieiro” me puxava para fora, não gritei nem fiz gestas de socorro; lutei sozinho, cresci dentro de mim mesmo. Mar suave e oleoso, lambendo o batelão. Mar dos peixes estranhos, mar virando a canoa, mar das pescarias noturnas de camarão para isca. Mar diário e enorme, ocupando toda a vida, uma vida de bamboleio de canoa, de paciência, de força, de sacrifício sem finalidade, de perigo sem sentido, de lirismo, de energia; grande e perigoso mar fabricando um homem...

Este homem esqueceu, grande mar, muita coisa que aprendeu contigo. Este homem tem andado por aí, ora aflito, ora chateado, dispersivo, fraco, sem paciência, mais corajoso que audacioso, incapaz de ficar parado e incapaz de fazer qualquer coisa, gastando-se como se gasta um cigarro. Este homem esqueceu muita coisa mas há muita coisa que ele aprendeu contigo e que não esqueceu, que ficou, obscura e forte, dentro dele, no seu peito. Mar, este homem pode ser um mau filho, mas ele é teu filho, é um dos teus, e ainda pode comparecer diante de ti gritando, sem glória, mas sem remorso, como naquela manhã em que ficamos parados, respirando depressa, perante as grandes ondas que arrebentavam – um punhado de meninos vendo pela primeira vez o mar...

*Julho de 1938*

BRAGA, Rubem. “Mar”. In: \_\_\_\_\_. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 30-40.

- 1) A crônica é um gênero textual curto que geralmente apresenta de forma narrativa fatos do cotidiano. Em *Mar*, o autor apresenta nos dois primeiros parágrafos o seu primeiro encontro com o mar. No decorrer de sua narrati-

va, observa-se o uso da sinestesia, figura de linguagem em que se reúnem sensações originadas de diferentes órgãos de sentido.

- a) Destaque do primeiro parágrafo um trecho que exemplifique esta figura de linguagem.
  - b) Explique como o seu uso contribui para a construção do texto.
- 2) Enquanto o autor recorda suas experiências com o mar, ele constrói a si mesmo. Retire do 4º parágrafo um trecho que ilustra a construção do homem relacionada à sua vivência com o mar.
- 3) Os textos podem ser divididos em diferentes tipos, como por exemplo, a narração e a descrição. Enquanto esta se caracteriza principalmente pela descrição detalhada de um objeto, pessoa, acontecimento, aquela é reconhecida pelo encadeamento de fatos. Um texto, no entanto, não é formado, necessariamente, por apenas um tipo textual. Na crônica de Rubem Braga, há trechos mais narrativos e trechos mais descritivos.
- a) Identifique os parágrafos em que predomina a narração e aqueles em que predomina a descrição.
  - b) Qual o efeito dessa divisão em trechos mais narrativos e mais descritivos para a construção da crônica?
- 4) Os períodos podem ser simples, quando possuem uma oração, e compostos, quando há mais de uma oração, sendo formados através de coordenação ou subordinação. As orações coordenadas apresentam autonomia sintática e não exercem função sintática uma na outra. Já as orações subordinadas tradicionalmente exercem uma função em outra oração.
- a) Como se organizam sintaticamente os períodos nos trechos mais narrativos e nos trechos descritivos?

b) De que maneira isso influencia o ritmo da leitura do texto?

5) Os adjetivos são considerados como a classe de palavras que modificam um nome acrescentando-lhe uma qualidade, uma extensão ou uma quantidade. O valor de adjetivo não precisa ser exercido, necessariamente, por uma única palavra. Observe o período a seguir e destaque as unidades linguísticas que modificam o substantivo “ondas”.

*“Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho.”*

6) As orações subordinadas adjetivas costumam ser introduzidas por pronomes relativos, palavras que tradicionalmente retomam antecedentes e conectam orações. Analise as duas orações que formam o período composto a seguir:

*“Este homem esqueceu, grande mar, muita coisa que aprendeu contigo.”*

a) Reescreva as orações formando dois períodos simples.

b) Considerando o período composto, que função sintática é atribuída ao pronome relativo na oração subordinada adjetiva?

7) No 3º parágrafo, ao expor a relação entre o mar e a sua infância e adolescência o autor faz uso de orações subordinadas adjetivas. No período composto a seguir, observe as duas orações destacadas.

*“Um menino que levava na canoa um pedaço de pão e um livro, e voltava sem estudar nada, com vontade de dizer uma porção de coisas **que não sabia dizer – que ainda não sabe dizer.**”*

- a) O que o tempo verbal de cada oração expressa em relação à vida desse homem?
- b) De que maneira a pontuação e o uso do advérbio “ainda” reforçam o que o tempo verbal expressa?
- 8) Com base na leitura da crônica, percebemos a intensa relação entre as experiências com o mar e a construção da personalidade do homem que relata essa conexão. No último parágrafo, essa relação se torna ainda mais presente quando o mar é personificado. Que expressões nos permitem inferir a personificação do mar?
- 9) Quando o autor retoma no último trecho o primeiro encontro com o mar, que efeito de sentido isso traz ao seu diálogo com o mar?

## SUGESTÃO DE RESPOSTAS

1)

- a) No trecho “*tudo isso muito salgado, azul, com ventos*”, há o uso de sinestesia ao misturar elementos do paladar (salgado), da visão (azul) e do tato (ventos).
- b) Essa figura de linguagem contribui para a construção das sensações diversas que o mar provoca nesse menino que está prestes a vê-lo pela primeira vez.

2)

Trechos possíveis:

*“A primeira vez que estive quase morrendo afogado, quando a água batia na minha cara e a corrente do “arrieiro” me puxava para fora, não gritei nem fiz gestas de socorro; lutei sozinho, cresci dentro de mim mesmo.”*

*“Mar diário e enorme, ocupando toda a vida, uma vida de bamboleio de canoa, de paciência, de força, de sacrifício sem finalidade, de perigo sem sentido, de lirismo, de energia; grande e perigoso mar fabricando um homem...”*

3)

- a) Os dois primeiros parágrafos são mais narrativos, enquanto no 3º e no 4º há predomínio da descrição.
- b) As partes mais narrativas nos permitem conhecer a experiência do primeiro encontro do menino com o mar. Os trechos mais descritivos nos permitem conhecer como essa relação aconteceu durante o amadurecimento e vida desse menino.

4)

- a) Os trechos mais narrativos apresentam períodos simples ou compostos formados por coordenação. Nos descritivos, encontramos mais orações subordinadas.
- b) O trecho narrativo apresenta então um ritmo mais acelerado, com foco no encadeamento de fatos. O trecho descritivo se apresenta de maneira menos acelerada, com foco nas características.

5)

Os adjetivos “grandes”, “cheias” e a oração “que explodiam com barulho”.

6)

- a) Este homem esqueceu, grande mar, muita coisa. [Este homem] Aprendeu muita coisa contigo.
- b) A função de objeto direto.

7)

- a) O verbo da primeira oração está no pretérito imperfeito e reflete uma ação da época da adolescência. O verbo da segunda oração está no presente do indicativo e reflete que aquela ação continua no presente.
- b) A pontuação destacando a segunda oração, do tempo presente, e o uso do advérbio “ainda” enfatizando que o ato de não saber dizer perdurou durante toda a vida do autor.

8)

O uso do vocativo e dos pronomes em segunda pessoa do singular evidenciam o diálogo com um mar personificado.

9)

O homem deseja retomar os sentimentos que surgiram no primeiro encontro com o mar e, com a simplicidade que os meninos viveram aquele momento, poder retornar ao mar mesmo depois de ter se esquecido de tanta coisa que viveu e aprendeu com ele. (Demais respostas que evidenciem as correlações menino-mar e homem-mar devem ser aceitas).

## REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, pp. 48-61.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SEE-AC. **Letramento: leitura e escrita para o ensino médio**. Rio Branco-AC: Secretaria de Estado de Educação, Gerência de Ensino Médio e Abaquer Consultores e Editores Associados, 2007.